

POUR LE MISTRAL / 1965

um filme de Joris Ivens

Realização: Joris Ivens *Argumento:* Joris Ivens, René Guyonnet *Câmara:* André Dumaître, Pierre Lhomme, Gilbert Duhalde *Música:* Lec Ferreari *Montagem:* Jean Ravel, Emmanuele Castro *Assistentes de realização:* Jean Michaud, Mariane Litaize, Michelle de Possel, Maurice Friedland, Bjorn Johanssen *Comentário:* André Verdet, dito por Roger Pigaut.

Produção: Centro Europeu de Rádio-Cinema-Televisão / *Cópia:* 35 mm, preto e branco e cor, legendada electronicamente em português *Duração:* 32 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca:* 11 de Dezembro de 2018 (“70 Anos de Cinemateca: 35 Histórias da Cinemateca”).

PROFIT MOTIVE AND THE WHISPERING WIND / 2007

um filme de John Gianvito

Realização, Fotografia, Som, Animação, Montagem: John Gianvito *Argumento:* John Gianvito, inspirado em *A People's History of the United States* de Howard Zinn *Fotografia adicional:* Mary Helena Clark, Kelsey Gall, Tatiana McCabe *Misturas de som:* Jonathan Schwartz *Temas musicais:* Joe Hill (Alfred Hayes, Earl Robinson, interpretado por Paul Robenson), *Theme for Sacco & Vanzetti* (Roberto Cassan), *Hamaq* (Infernal Noise Brigade), *A Internacional* (Pierre Degeyter, com arranjos e interpretação de Ani DiFranco e Utah Philips).

Produção: Travelling Light Productions (Estados Unidos, 2007) *Produtor:* John Gianvito *Assistentes de Produção:* Tammy Dudman, Andrew Lewis, Jonathan Schwartz, Nadia Tabbara, Rob Todd *Cópia:* em vídeo betacam digital, cor, legendada electronicamente em português, 57 minutos *Primeira apresentação pública em Portugal:* IndieLisboa 2008 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 8 de Junho de 2010 (“A Imagem-Arquivo”, com NATIONAL ARCHIVE V.1, de Travis Wilkerson)

O último filme de Joris Ivens, feito em colaboração estreita com a sua companheira de vida e de trabalho, Marceline Loridan, veio a chamar-se **Une Histoire de Vent**, “uma história de vento”. Ora, “uma história de vento” já era **Pour le Mistral**, filme feito pelo, e “para” o, célebre vento característico do sul de França, conhecido como o Mistral. Há evidentemente um lado “poético” em Ivens, bem patente na relação com a natureza (que é, em diversos momentos, a forma de *captar* o vento, filmando os seus efeitos imediatos sobre a vegetação), e que aqui surge exponenciado pelo uso do écran largo e, a partir de certa altura, pela entrada da cor (talvez tenha sido uma razão económica, mas em todo o caso o retardamento da aparição da cor cria, no momento em que ela finalmente aparece, uma sensação de espectáculo obviamente deliberada). Essa espectacularidade é ainda explorada, com evidente gozo do autor, através da mobilidade da câmara, daqueles travellings onde o aparelho parece estar suspenso e ser levado pelo vento ou, como sugeriu um comentador, tornar-se “no próprio vento”. Ao mesmo tempo, a “liberdade poética” não sustem as responsabilidades históricas e sociais do cineasta: o seu filme é também uma observação das consequências de um fenómeno meteorológico recorrente sobre a vida, nos seus vários estados (digamos, “macro” e “micro”), de uma população. Há apontamentos de cariz mais “social”, porventura até algo anedóticos (mas possuidores de uma graça inexcedível), mas o fundo é o modo como uma população aprende a viver, contrariando-os, com os elementos – aqueles planos gerais da paisagem trabalhada, os campos de cultivo protegidos pelas filas de árvores cuidadosamente plantadas, exprimem-no bem.

Luís Miguel Oliveira

PROFIT MOTIVE AND THE WHISPERING WIND detém-se na presença, na paisagem contemporânea, do rasto das lutas e activismo político que permanecem como memória de acontecimentos esquecidos dos (e nos) Estados Unidos. A perspectiva militante de John Gianvito (a sessão acaba ao som da Internacional) assenta pois num “trabalho da memória”, fixando-se no rasto material de acontecimentos históricos na paisagem. Explicitando em citação inicial como “a memória a longo termo é, na América, a mais radical das ideias”, o filme propõe uma meditação, ancorada na paisagem, da história das lutas e do activismo político nos Estados Unidos. Gianvito filma monumentos e memoriais, inscrições e lápides fúnebres ensaiando um levantamento do activismo cívico repleto dos nomes daqueles que os incorporaram, das datas que ditaram os seus combates, os massacres de que foram alvo ou as datas de nascimento e morte que laconicamente indicam o arco das suas vidas. As “explicações”, mais secas ou mais pormenorizadas, limitam-se às inscrições gravadas nas pedras, cuja presença perdura na paisagem nela integrando as narrativas esquecidas de protagonistas esquecidos. É ao esquecimento que o filme os resgata, porque neles se fixa traduzindo em imagens os ecos presentes das suas vozes passadas.

O filme, admirável filme, de Gianvito dispensa o discurso falado. Fora os momentos das duas canções, fora a sequência que antes do final “corta” com o ritmo de PROFIT MOTIVE AND THE WHISPERING WIND, acelerando-o e dando a ver imagens de pessoas em manifestações de rua cujo burburinho a banda de som apropriada (mantendo as palavras de ordem sob a forma escrita em cartazes), não há palavras ditas, diálogos nem texto off. O texto do filme corresponde ao das palavras inscritas nos monumentos, a banda sonora traduz o som ambiente dos planos e se há motivo sonoro recorrente ele é o do vento, que sopra por todo o lado e se faz ouvir particularmente nos muitos planos “intercalares” das árvores verdes e dos campos, trazendo igualmente à memória a máxima griffithiana que postula a existência cinematográfica da beleza do movimento do vento nas árvores. Dir-se-ia que é à volta desse murmúrio do vento que PROFIT MOTIVE AND THE WHISPERING WIND se estrutura numa mesma reivindicação política e cinematográfica. É também nele que sobretudo se encontra o sopro da vida que continua (máxima Kiarostamiana?) por entre a divagação fúnebre que este filme não deixa de ser. Excepção feita às sequências de animação iniciais e à acelerada sequência pré-final, e mesmo não esquecendo a passagem em fundo do tráfego rodoviário ou ferroviário em alguns planos, o que nos é dado a ver é o retrato de uma ausência humana na geografia que dela retém vestígios. A atenção do olhar de Gianvito vai para eles, em planos fixos, despojados, cuja eficácia procede pelo discurso encontrado na montagem, que corre melancólica. Não sem que, repare-se, antes da dedicatória final a Howard Zinn e à sua *Uma História do Povo dos Estados Unidos*, as últimas palavras (escritas) se dirijam a preocupações contemporâneas.

Maria João Madeira